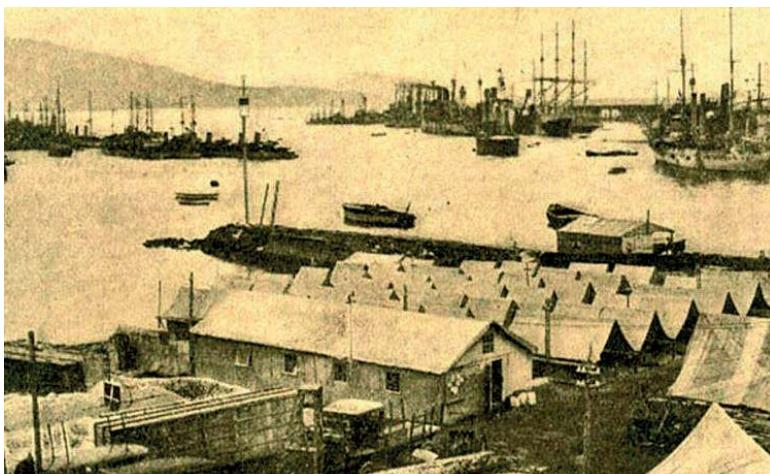




José Gabriel Ávila\*  
jgazores@gmail.com

## Recordando a “pneumónica” em tempo de covid-19

*“No concelho de Ponta Delgada, segundo Monteiro, residiam no ano de 1.900 cerca de 50.120 mil habitantes, mas decorridas duas décadas já só eram 47.037, o que “reflete alguns picos de mortalidade ocorridos no período, destacando-se a “gripe pneumónica”. A doença provocou no mundo inteiro cerca de 30 milhões de vítimas.”*



A atualidade regional é preenchida pela segunda vaga da pandemia do covid-19, tema que se sobrepõe a qualquer informação sobre a política açoriana. E isto porque o cidadão comum continua apreensivo sobre como resguardar-se do contágio do vírus “maldito” que traz sobressaltadas pessoas e atividades económicas.

É certo que um terço das ilhas está preparada, presentemente, para acorrer aos casos mais graves, mas os outros açorianos questionam-se sobre o que lhes acontecerá se forem infetados durante a segunda vaga que já ultrapassou muito os contágios da primeira.

Recordo que, em dias de outono do ano de 1918, a Ilha de São Miguel e, logo depois a Terceira, o Faial e o Pico, foram atingidas pela erradamente designada “gripe espanhola”.

Estudos de vários investigadores publicados no livro *“A Grande Guerra e os Açores – da estratégia naval à “pneumónica”*, coordenado por Ana Paula Pires, Rita Nunes e Sérgio Rezentes, editado em 2019 pela “Letras Lavadas”, trazem um importante contributo para se conhecer a sociedade de então e as consequências da doença na demografia das ilhas, nomeadamente São Miguel e Faial.

Os três trabalhos publicados na referida obra: “A gripe de 1918 no concelho de Ponta Delgada”, de Alberto Monteiro, “Uma gripe de longe e de perito: a Horta e “gripe espanhola” de 1918-1919, de Carlos Lobão e “O impacto da Gripe Espanhola nos Açores: do combate arquipelágico ao rescaldo em Ponta Delgada”, de Sérgio Rezentes, descrevem a situação sócio-económica vivida no final da primeira Grande Guerra, a importância naval dos Açores, nomeadamente dos portos de Ponta Delgada e da Horta e os efeitos trágicos da gripe pneumónica.

O vírus penetrou nas ilhas através dos portos, e foi trazido para São Miguel por 35 militares infetados de um navio japonês procedente de Bordéus, 5 dos quais faleceram. Na mesma altura, navios norte-

americanos, entraram em Ponta Delgada com militares infetados, tratados nas instalações da Base Naval Americana, (ver foto) alguns dos quais também pereceram, como dão conta as investigações de Rezentes e Monteiro.

A partir daí as consequências da moléstia fizeram-se sentir. Segundo o responsável sanitário de Ponta Delgada, o conhecido autonomista Mont'Alverne de Sequeira, a “difusão foi brusca e rápida, atingindo o “acme” em novembro, atacando de preferência as classes pobres, o sexo masculino, os indivíduos de 20 a 40 anos, os trabalhadores do campo e operários, ceifando tuberculosos, cardiopatas, diabéticos, albuminúricos, nefríticos, depauperadas por doenças orgânicas e as gravidas [...]”.

Citando informações militares Rezentes acrescenta que a ação do vírus da gripe pneumónica em São Miguel fez-se sentir já no dia 19 de Setembro de 1918.<sup>2</sup>

(Pela quantidade de informações o trabalho de Sérgio Rezentes merecia uma maior divulgação, pois contém dados sobre os efeitos da “pneumónica” nalgumas ilhas do arquipélago. Espero que o próprio historiador o faça na imprensa, e outros media promovam a sua divulgação. Atrevo-me a sugerir também uma conferência ou um colóquio sobre esta época através das redes sociais ou webinar.)

No concelho de Ponta Delgada, segundo Monteiro, residiam no ano de 1.900 cerca de 50.120 mil habitantes, mas decorridas duas décadas já só eram 47.037, o que “reflete alguns picos de mortalidade ocorridos no período, destacando-se a “gripe pneumónica”.

A doença provocou no mundo inteiro cerca de 30 milhões de vítimas.

Da freguesia de S. José, a mais populosa da cidade e do concelho, onde estavam instalados o hospital de isolamento (com capacidade para 15 doentes apenas) e o hospital da Base Naval norte-americana, a epidemia irradiou para o resto da Ilha e começou por atacar médicos e enfermeiros, estendendo-se a toda a população.

Monteiro afirma que a vida quotidiana foi perturbada durante algum tempo. Uma parte das pessoas esteve acamada. *“Houve mesmo casas comerciais e outras empresas, que fecharam as suas portas em virtude de a maioria dos seus funcionários terem sido atingidos pela gripe. O próprio jornal Diário dos Açores, por exemplo, viu-se obrigado a interromper a sua publicação por alguns dias em virtude desta situação.”*<sup>3</sup>

Em Novembro a epidemia começou a diminuir e em Dezembro estava praticamente extinta.

Resultado: 2 a 3 mil vítimas em toda a Ilha de São Miguel, oitocentas das quais no concelho de Ponta Delgada, onde cerca de 17 mil pessoas foram infetadas. Rezentes comenta que *“Hoje, entende-se a importância que os portos e gares tiveram na proliferação da Pneumónica. (...) Morreram mais soldados de Espanhola do que pelo conflito. Com exceção de poucas ilhas do Pacífico (e Santa Maria), toda a população mundial esteve exposta à doença, contraíndo-a metade dos habitantes.”*<sup>4</sup>

Dadas as dificuldades e carências da população de então, - acrescenta Monteiro - *“por ordem do Governador Civil de Ponta Delgada, foi proibido o fabrico de queijo com leite de vaca, necessário à alimentação dos doentes. (...) Por outro lado, dentro da sociedade civil, quer empresas, quer particulares, prestaram um contributo importante no sentido de limitar os efeitos da epidemia: muitas senhoras que se dedicaram a confecção de agasalhos para os doentes pobres; particulares que, além de dinheiro para a subscrição, ofereceram artigos diversos, como chá, roupas, cobertores, lençóis, colchões, etc.”*<sup>5</sup>

A maioria dos atuais residentes nesta cidade desconhece que o então comandante da Base Naval Americana em Ponta Delgada, Almirante Dunn, desempenhou um papel muito importante no auxílio às populações, oferecendo gasolina e petróleo, medicamentos, dinheiro, tecidos, e cedendo um rebocador para transportar de Lisboa medicamentos, de que havia enorme carência. A sua benemerência mereceu-lhe mais tarde o reconhecimento e homenagem da cidade que atribuiu o nome do Almirante ao Largo junto à Igreja de São Pedro.

Cem anos após a “pneumónica”, a população destas ilhas vê-se confrontada com a segunda vaga da actual pandemia.

Não são comparáveis nem os tempos, nem o desenvolvimento técnico-científico. É por isso que aguardamos, com esperança e ansiedade o surgimento de uma vacina que ajude a vencer mais uma difícil etapa da vida da humanidade.

\*jornalista c.p. 239 A  
<http://escriitemdia.blogspot.com>

<sup>1</sup>MONTEIRO, Alberto, A Gripe de 1918, no concelho de Ponta Delgada, in “A GRANDE GUERRA E OS AÇORES – Da estratégia naval à “pneumónica”, Ana P. Pires, Rita Nunes e Sérgio Rezentes, Edições Letras Lavadas, 2019

<sup>2</sup>Idem, pag 192,

<sup>3</sup>Opus cit, pag 18

<sup>4</sup>Opus cit, pag 203

<sup>5</sup>Pag.23